

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
Curso de Biblioteconomia

GISELE STREY

**A BIBLIOTECA ESCOLAR É ESPAÇO DE  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL?  
O QUE PENSAM BIBLIOTECÁRIOS E PROFESSORES**

Porto Alegre  
2010

GISELE STREY

**A BIBLIOTECA ESCOLAR É ESPAÇO DE  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL?  
O QUE PENSAM BIBLIOTECÁRIOS E PROFESSORES**

Trabalho realizado como pré-requisito para a aprovação na atividade de ensino de Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

Porto Alegre  
2010

GISELE STREY

**A BIBLIOTECA ESCOLAR É ESPAÇO DE  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL?  
O QUE PENSAM BIBLIOTECÁRIOS E PROFESSORES**

Trabalho realizado como pré-requisito para a aprovação na atividade de ensino de Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

Aprovado em 02 de Julho de 2010, pela banca examinadora.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientadora: Prof. Dr Ilza Maria Tourinho Girardi

---

Prof. Mes. Rodrigo Silva Caxias de Souza

---

Bibliotecária Cintia Cibele Ramos Fonseca

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto  
Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Opermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
Diretor: Ricardo Schneiders da Silva  
Vice-Diretora: Regina Van der Lann

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
Titular: Ana Maria Moura  
Suplente: Helen Rozados

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA:  
Titular Glória Ferreira  
Suplente: Samile Vanz

### CIP Catalogação na Fonte

S914b Strey, Gisele

A Biblioteca Escolar é espaço de Educação Ambiental? O que pensam bibliotecários e professores, Porto Alegre, RS / Gisele Strey; orientadora Ilza Maria Tourinho Giradi – Porto Alegre, 2010.

58 f.

Monografia (bacharelado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2010.

1. Sustentabilidade. 2. Educação Ambiental. 3. Biblioteca Escolar. 4.

I. Ilza Maria Tourinho Giradi. II. Título.

**CDU: 02:504.75 FABICO**

Departamento de Ciências da Informação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705 – Sala 507

Porto Alegre/ RS - 90035-007

Tel.: 3308-5067 Fax: 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a meus pais, em especial a memória de meu pai Norberto que deixa saudade em meu coração. Com ele pude compreender o sentido do amor de verdade.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo ensino gratuito e de qualidade.

Agradeço a todos que de alguma maneira me ajudaram a concluir este trabalho.

## RESUMO

Neste estudo a Educação Ambiental é relacionada à biblioteca e ao ambiente escolar, tendo como sujeitos de pesquisa os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares das escolas do município de Porto Alegre. Usa como referencial teórico concepções de Edgar Morin e pensadores da área de Sustentabilidade e Educação Ambiental além de diretrizes e legislação específica da área. Tem o intuito de verificar as concepções em relação à Educação Ambiental que os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares das escolas em questão têm a respeito da Educação Ambiental. Busca averiguar como a EA é entendida pelos profissionais e como essa educação é trabalhada nas bibliotecas das escolas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sustentabilidade. Educação Ambiental. Biblioteconomia. Biblioteca Escolar.

## **ABSTRACT**

In this study, environmental education is related to the library and the school environment, and as subjects of research professionals who work in school libraries of schools of Porto Alegre. Uses as a reference theoretical conceptions of Edgar Morin and thinkers in the field of sustainability and environmental education besides legislation and guidelines in the area. Has the purpose of verifying the design of the professionals working in school libraries of the schools in question in relation to Environmental Education-EE. Search to find out how EA is understood by professionals and as such education is worked in school libraries.

**KEYWORDS:** Environmental Education. Librarianship. School Library. Sustainability.

## SUMÁRIO

|            |  |           |
|------------|--|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>09</b> |
| <b>2</b>   | <b>O MEIO AMBIENTE E A PERSPECTIVA EDUCATIVA DA BIBLIOTECA</b>                           | <b>13</b> |
| <b>2.1</b> | <b>Edgar Morin: homem e educação ambiental</b>   | <b>13</b> |
| <b>2.2</b> | <b>Sustentabilidade</b>  | <b>15</b> |
| <b>2.3</b> | <b>Educação Ambiental: uma leitura a partir da escola</b>                                | <b>18</b> |
| <b>2.4</b> | <b>A Biblioteca Escolar: funções e objetivos</b>   | <b>22</b> |
| <b>2.5</b> | <b>Biblioteca Escolar e Educação Ambiental: o bibliotecário como agente socializador</b> | <b>25</b> |
| <b>3</b>   | <b>METODOLOGIA</b>   | <b>29</b> |
| <b>3.1</b> | <b>Tipo de Estudo</b>  | <b>29</b> |
| <b>3.2</b> | <b>Sujeitos do Estudo</b>  | <b>30</b> |
| <b>3.3</b> | <b>Instrumentos de Coleta de Dados</b>   | <b>30</b> |
| <b>3.4</b> | <b>Procedimentos Metodológicos</b>   | <b>31</b> |
| <b>4</b>   | <b>ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS</b>  | <b>32</b> |
| <b>4.1</b> | <b>Observação Realizada</b>  | <b>34</b> |
| <b>4.2</b> | <b>Interpretação das Questões Aplicadas</b>  | <b>37</b> |
| <b>5</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | <b>52</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>54</b> |
|            | <b>APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO</b>  | <b>57</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, com o aparecimento de preocupantes índices de degradação ambiental, o número de movimentos em prol do meio ambiente no mundo aumentou de maneira significativa. Em diversos países estratégias e programas ambientais foram implementados com o intuito de diminuir os impactos do homem sobre o meio ambiente e melhorar sua situação diante dos problemas enfrentados. A informação nesse contexto atua como elemento determinante no processo de conscientização e Educação Ambiental - EA, uma vez que ela, gerando conhecimento, traz expectativas de uma maior conscientização do homem acerca dos problemas ambientais atuais, o que pode melhorar muito sua relação com a natureza e com o meio.

As preocupações relacionadas ao meio ambiente ganharam força nos anos 70 com o aparecimento de índices que apontavam para o aumento, mesmo que pequeno, da degradação ambiental e a relação direta do homem a isso. Diversas correntes do pensamento ambiental surgiram nessa época. Dentre elas destacam-se a corrente conservacionista que vê o meio ambiente como recurso para o homem que deve adotar comportamentos de conservação. Outra corrente que podemos destacar é a naturalista que acredita que o homem deva reconstruir sua ligação com a natureza através de enfoques sensoriais, cognitivos e afetivos. A corrente científica vê o meio ambiente como objeto de estudos e visa adquirir conhecimentos em ciências ambientais desenvolvendo habilidades relativas à experiência científica. (CARVALHO E SATO, 2005).

Em meados de 1980 a corrente da sustentabilidade começou a ganhar mais força e a se tornar tema de interesse na sociedade. Essa corrente tem como objetivo um crescimento e desenvolvimento econômico que respeite os aspectos sociais e ambientais. Para Carvalho e Sato (2005, p. 37) tal corrente acredita que desenvolvimento econômico e humano estão intimamente ligados a conservação dos recursos naturais e que é possível implementar na sociedade projetos de desenvolvimento sustentável aonde “a educação ambiental torna-se uma ferramenta, entre outras, a serviço do desenvolvimento sustentável”.

No Brasil, o processo de institucionalização de políticas relacionadas ao meio ambiente teve início em 1973 com a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente - SEMA, vinculada à Presidência da República. Em relação à EA, em 1981 foi instituída a Política Nacional do Meio Ambiente - PNMA que estabeleceu, no âmbito legislativo, a necessidade de inclusão da EA em todos os níveis de ensino, incluindo a educação da

comunidade, objetivando capacitá-la para a participação ativa na defesa do meio ambiente. Reforçando essa tendência, a Constituição Federal, em 1988, estabeleceu, no inciso VI do artigo 225, a necessidade de “promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.<sup>1</sup>

O MEC procura, desde a década de 90, inserir a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino formal, mantendo ações de formação continuada por meio de programas que fazem parte das orientações curriculares do ensino médio e os módulos de educação à distância na Educação de Jovens e Adultos -EJA. Desde 2004, o Ministério realiza pesquisas e levantamentos a fim de compreender melhor a presença da EA nas escolas de ensino fundamental e nas instituições de ensino superior que, segundo o MEC, apresentam diversas modalidades de aplicação da EA, sendo que as mais importantes são as de inserção da temática ambiental nas disciplinas básicas do ensino fundamental e médio e, no ensino superior a criação de disciplinas especiais sobre o tema. Hoje, o Brasil vem realizando esforços através de diretrizes e políticas públicas no sentido de promover e incentivar a EA nas escolas do ensino fundamental e também no ensino superior.<sup>1</sup>

Contudo o MEC acredita que, baseado em análises e pesquisas sobre a EA, a mesma, no Brasil, ainda revela uma realidade preocupante e contraditória com os princípios gerais e participativos proclamados e consensuados em todos os documentos nacionais e internacionais disponíveis e divulgados nos últimos trinta anos. Com efeito, seja na promoção de uma iniciativa e no desenvolvimento dos atores que participam do processo, seja na percepção da importância da contribuição daqueles, as escolas demonstraram estar distantes da realidade ambiental e da comunidade.<sup>1</sup>

Concernente ao município de Porto Alegre, políticas relacionadas ao meio ambiente começaram a ocorrer já em 1976 com a criação da Secretaria Municipal do Meio Ambiente – SMAM, órgão executivo que se tornou responsável pela proteção do sistema natural e pelo controle da qualidade ambiental no município. Historicamente, a SMAM priorizou a ampliação e a gestão de áreas verdes urbanas e, a partir da década

---

<sup>1</sup> BRASIL. GOVERNO FEDERAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em:<  
<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao2.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2010

<sup>2</sup> PORTO ALEGRE, Comitê Gestor de Educação Ambiental-CGEA. Disponível em:<  
[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cgea/default.php?p\\_secao=17](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cgea/default.php?p_secao=17)>. Acesso em: 15 abr. 2010.

de 90, a secretaria estruturou-se para promover políticas de proteção ao meio impactável e controlar as atividades impactantes.<sup>2</sup>

Seguindo os movimentos de sustentabilidade e EA o município de Porto Alegre criou em 2007, através do decreto municipal nº 15.588, o Comitê Gestor de Educação Ambiental – CGEA, que tem como responsabilidade propor e implementar políticas de EA na cidade. Uma de suas atribuições é promover a integração entre as ações dos diferentes órgãos da administração municipal, incentivando o envolvimento cada vez maior na preservação ambiental. O comitê atua como disseminador de conhecimento entre a população da cidade e é fomentador de parcerias entre os órgãos municipais, estaduais e federais além de grupos da sociedade civil e empresas.<sup>2</sup>

Na EA da Rede Municipal de Ensino do município o CGEA procura trazer a temática ambiental para os currículos escolares, unindo as diversas áreas do conhecimento e, a partir da reflexão, proposição de projetos e ações coletivas, o comitê busca fortalecer e articular uma ecologia que desnaturalize a lógica imediatista e consumista da atualidade. Procura produzir uma nova ética com saberes e atitudes que leve as pessoas a compartilhar uma sociedade mais justa, solidária e sustentável, com efetiva visão ecológica do mundo.<sup>2</sup>

Ainda no âmbito municipal, a partir do lançamento, em 1998, do Atlas Ambiental de Porto Alegre, o primeiro no mundo segundo a SMAM, uma parceria entre a Prefeitura de Porto Alegre e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul inicia, na rede municipal de ensino, uma nova leitura e escrita em EA gerando muitos projetos e ações, inclusive nos Projetos Político Pedagógicos das Escolas em todos os níveis e modalidades de ensino. Nesse sentido a escola passa a ser entendida como um centro de saberes, local da identidade cultural da comunidade e, a partir da união de esforços, busca produzir uma nova cultura em prol da sustentabilidade urbana e construção de valores ecológicos.<sup>2</sup>

Nesse contexto escolar, as bibliotecas, como ambientes de difusão da informação e geradoras de conhecimento, tornaram-se lugares propícios para a difusão da EA quando trabalhada nas escolas de ensino fundamental e médio do município de Porto Alegre. Hoje atuam na cidade 95 escolas que são divididas em educação infantil, educação especial, ensino fundamental e ensino médio. Todas têm biblioteca que são assessoradas, geralmente à distância, por três bibliotecários sendo que 04 dessas esco-

---

<sup>2</sup> PORTO ALEGRE, Comitê Gestor de Educação Ambiental-CGEA. Disponível em:<  
[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cgea/default.php?p\\_secao=17](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cgea/default.php?p_secao=17)>. Acesso em: 15 abr. 2010.

las têm bibliotecários fixos e todas as outras bibliotecas escolares em questão são atendidas por professores, das mais diversas áreas de formação. Somente quatro escolas contam com bibliotecários fixos, o restante é atendido sob regime de assessoria por outros três profissionais assessores da biblioteca da Secretaria do Município de Porto Alegre -SMED.

Tendo em vista esse cenário, busco com esta pesquisa identificar as concepções que bibliotecários e educadores das bibliotecas das escolas do município de Porto Alegre têm a respeito do papel da biblioteca escolar na educação ambiental dos seus usuários.

Para tanto construí o referencial teórico da pesquisa a partir de Edgar Morin, antropólogo, sociólogo e filósofo francês, autor da teoria da complexidade, que vê o mundo como um todo indissociável e propõe uma abordagem multidisciplinar para a construção do conhecimento. O conceito de sustentabilidade também será mencionado devido a sua abrangência social e a importância quanto ao entendimento do qual compartilho que educação é um processo de emancipação dos sujeitos na medida em que os mesmos são os responsáveis pela constituição de seu processo formativo, este entendido como parte não apenas de um processo sociocultural mas sobretudo de um processo biológico, já que se propõe a ser um meio de entender e configurar a civilização e as atividades do homem de uma forma em que a sociedade e suas economias preencham suas necessidades e ao mesmo tempo preservem o meio ambiente em que vivem. O capítulo apresenta conceitos e contextualiza a educação ambiental e também apresenta a biblioteca escolar com suas funções e objetivos relacionados à EA.

Este trabalho foi motivado pelo meu interesse no tema, que na minha visão deveria ter especial atenção no ensino fundamental e médio, bem como nas bibliotecas, que são um dos pilares de sustentação da escola. Espero que o trabalho contribua para dar um panorama sobre como a educação ambiental é compreendida e abordada pelos profissionais que atuam nas bibliotecas nas escolas municipais de Porto Alegre.

O trabalho teve um referencial teórico baseado em autores e pensadores da área de EA e biblioteca escolar bem como de educação. A abordagem da pesquisa é qualitativa com a utilização das técnicas de observação e aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas para a coleta dos dados. A seguir o referencial teórico é desenvolvido com objetivo de dar base ao entendimento da questão relacionada a EA e a biblioteconomia.

## 2 O MEIO AMBIENTE E A PERSPECTIVA EDUCATIVA DA BIBLIOTECA

No capítulo 2 apresento o referencial teórico. Abordo temas como Sustentabilidade, Educação Ambiental e Bibliotecas Escolares e a perspectiva educativa da biblioteca relacionada ao meio ambiente.

### 2.1 Edgar Morin: homem e educação ambiental

Edgar Morin, sociólogo e filósofo francês, é considerado hoje um dos principais pensadores sobre a complexidade, teoria que vê o mundo como um todo indissociável e que propõe uma abordagem multidisciplinar para a construção do conhecimento (MORIN, 2006). Suas considerações acerca das mudanças relativas à educação que devem ocorrer e ser desenvolvidas na sociedade são também pensadas aqui em relação à EA. A proposta maior de Morin é a de reformar o pensamento, interligando todos os conhecimentos, combatendo o reducionismo instalado na sociedade e valorizando o ser complexo. O pensador critica o ensino atual fragmentado e defende a incorporação no ensino dos problemas cotidianos interligando saberes.

Para Morin (2006, p. 26) o paradigma que organiza hoje a estrutura de pensamento da sociedade contemporânea é o grande paradigma do ocidente pensado por René Descartes que gerou as dicotomias (do grego *dikhotomia*, divisão em dois) “sujeito-objeto”, “alma/corpo”, “espírito/matéria”, “qualidade/quantidade”, “finalidade/causalidade”, “sentimento/razão”, “liberdade/determinismo” e “existência/essência”. Esse paradigma para Morin (2006) constituiu um obstáculo para se chegar a um modo de pensar mais abrangente uma vez que, por meio dessas dicotomias, as transmissões de informações se tornam desconexas obstruindo a capacidade crítica dos alunos em relação ao seu cotidiano, sua relação de sociedade/natureza, sua relação com o futuro da humanidade e com o destino dos homens diante das incertezas de nosso tempo e da vida em sociedade.

Diante disso faz-se necessário para Morin (2006) estabelecer processos educativos que promovam a articulação de todos os saberes e superem a fragmentação do ensino compartimentado. Essa articulação de saberes torna-se possível com um co-

nhhecimento estruturado com base na incerteza, na rejeição do conhecimento parcelado, investigando o modo como pensamos para se chegar a uma orientação no terreno inconstante do conhecimento. Para Morin (2008) o processo educativo atual ignora alguns problemas fundamentais como a excessiva disciplinarização dos conteúdos escolares; divisão do homem em áreas de estudo; fragmentada formação dos professores.

O conhecimento isolado, fragmentado em disciplinas, segundo Morin (2006) provoca uma percepção errada acerca dos objetos estudados não havendo, portanto, o cuidado em se preservar as conexões existentes entre tais objetos estudados e o contexto atual de que fazem parte, o que parece mostrar uma particularização do conhecimento aonde o objeto estudado não é compreendido fora do âmbito de uma única disciplina. Para Morin (2008, p. 35) outro grande problema que dificulta a reforma do pensamento é a ausência do ensino da “condição humana” afim de que o homem conheça sua posição no mundo. As ciências até contribuem para esse aprendizado, no entanto se encontram desligadas, o que dificulta a compreensão do homem enquanto uma “unidade complexa”. Morin (2008) situa a “condição humana” no mundo identificando o homem como ser cósmico, ou seja, um “ser ao mesmo tempo totalmente biológico e totalmente cultural”.

É necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas – e por meio de- culturas singulares. Precisamos doravante a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também a ser terrenos. Devemo-nos dedicar não só a dominar, mas a condicionar, melhorar, compreender. Devemos inscrever em nós (...) a consciência ecológica, isto é, a consciência de habitar, com todos os seres mortais, a mesma esfera viva (biosfera); reconhecer nossa união substancial com a biosfera conduz ao abandono do sonho prometéico do domínio do universo para nutrir a aspiração de conviabilidade sobre a Terra (MORIN, 2006, p. 76)

Morin (2008) acredita que o ensino da condição humana, da compreensão do ser, da sua identidade, não ocorre no presente porque a desintegração das ciências humanas fragmenta o homem e essa fragmentação do ensino ocorre da visão de dicotomia do paradigma de Descartes, citado anteriormente. A reforma do pensamento deve ser considerada uma possibilidade para se chegar a um pensamento mais complexo.

Trazemos dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo, e, ao mesmo tempo deles estamos separados por nosso pensamento, nossa cultura, nossa consciência. Assim, Cosmologia, Ciências da Terra, Biologia, Ecologia permitem situar a dupla condição humana: natural e metanatural. Conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele. (MORIN, 2008, p. 37).

A relação entre sociedade e natureza foi desprezada pelo pensamento cartesiano que domina e controla o “mundo natural”. Morin (2008, p. 89) defende a necessidade de outra abordagem de ensino que não a que fragmenta ou a que divide, mas a que une, para que assim exista a possibilidade de se enxergar a complexidade da questão ambiental. “Enquanto a ciência clássica fragmenta os fenômenos e impede a tomada de consciência global (...) a ecologia geral suscita o problema da relação homem/natureza no seu conjunto, na sua amplitude, na sua atualidade”

Morin (2006, p. 25) acredita que para mudar essa visão errônea de mundo dividido, fragmentado, faz-se necessário o abandono dos “mitos do pensamento ocidental moderno” onde a educação para o meio ambiente passe a ser um processo de desenvolvimento humano no sentido de articular conhecimento, intenções de ação e intervenção sociológica aonde exista ações estratégicas que busquem formar cidadãos capazes não de dominar, mas de seguir e deixar-se guiar pela natureza.

A natureza é “aquilo que liga que articula e faz comunicar profundamente o antropológico e o sociológico” Morin (2006, p. 340). Nesse sentido faz-se necessário incluir no ensino escolar uma visão de meio ambiente mais humanizado com coerência entre os aspectos biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais que caracterizam o homem. Indivíduo e sociedade devem compreender a relação de complexidade e integração entre sociedade e natureza procurando prevenir e solucionar problemas ambientais. Se compreendida essa relação, essa integração, Morin (2006) acredita que o homem fará o reconhecimento de si mesmo e da natureza como “unidades complexas” aonde a EA deve ser considerada um agente de mudanças que se deseja no mundo, criando a possibilidade de alteração do contato sociedade/natureza.

## **2.2 Sustentabilidade**

Desde a Revolução Industrial, marco do desenvolvimento tecnológico humano, a atividade de uso, intervenção e transformação do homem para com a natureza é cada vez maior e mais predatória. Até a década de 50 praticamente não havia grande preo-

cupação da população em geral com a influência das ações do homem no meio ambiente e, conforme Carvalho (2006), só em 1972 com a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), foram surgindo os primeiros movimentos ecológicos onde o homem passou a ser considerado peça chave do processo de degradação e, da mesma maneira, conservação ambiental.

Para Leff (2001, p. 15) a crise ambiental se tornou evidente nos anos 60, “refletindo-se na irracionalidade ecológica dos padrões dominantes de produção e consumo, e marcando os limites do crescimento econômico”. A necessidade de estudos e pesquisas relacionadas com o meio ambiente, seu uso e preservação foram aumentando e com o passar do tempo surgiram novos conceitos e categorizações além de muitas informações sobre a realidade ambiental. Capra (2005), por sua vez, destaca que o conceito de sustentabilidade adquiriu, a partir da década de 80, grande importância no movimento ecológico.

Leff (2001), acredita que na corrente da sustentabilidade coexistem perspectivas do desenvolvimento sustentável economicistas, que dão privilégio ao livre mercado como meio de valorização da natureza, perspectivas tecnológicas que enfatizam a reciclagem e adoção de técnicas menos poluentes e as perspectivas éticas cuja orientação é a mudança de valores e comportamentos para alcançar a sustentabilidade. As duas primeiras perspectivas transferem a responsabilidade da sustentabilidade às nações mais desenvolvidas e conseqüentemente com maior poder tecnológico, econômico e comercial. A última envolve todos os setores da sociedade e a população em geral com tomada de consciência da realidade ambiental.

Jacobi (2003, p. 193) destaca que o desenvolvimento sustentável não se refere em específico a um único problema com adequações ecológicas na sociedade, mas refere-se “a uma estratégia múltipla para a sociedade que deve levar em conta tanto a viabilidade econômica como a ecológica”. Para Capra (2005) o homem precisa de limites em sua forma de atuação em relação ao meio ambiente e seus recursos e, necessita de pensamento ecológico para que suas atitudes estabeleçam uma maneira de agir em relação ao meio ambiente diferente da usada na atualidade. Leff (2001) recomenda que se faça uma reflexão sobre a crise em que vivemos.

Se entendermos o problema da insustentabilidade da vida no planeta como sintoma de uma crise de civilização - dos fundamentos do projeto societário da modernidade-, será possível compreender que a construção do futuro (susten-

tável) não pode apoiar-se em falsas certezas sobre a eficácia do mercado e da tecnologia -nem sequer da ecologia- para encontrar o equilíbrio entre crescimento econômico e preservação ambiental. A encruzilhada em que o novo milênio abre seu caminho é um convite à reflexão filosófica, à produção teórica e ao julgamento crítico sobre os fundamentos da modernidade, que permita gerar estratégias conceituais e preceituológicas que orientem um processo de reconstrução social. A complexidade ambiental e os processos de auto-organização geram sinergias positivas que abrem caminho para uma sociedade sustentável, fundada numa nova racionalidade (LEFF, 2001, p. 404)

Parece necessária uma visão ecológica mais profunda reconhecendo que como indivíduos estamos todos interligados e encaixados nos processos físicos da natureza, e, segundo Capra (1997), dependemos desses processos. Para o pensador geralmente não reconhecemos que os valores não são periféricos à ciência e à tecnologia e sim constituem sua força maior. Os fatos científicos surgem de toda uma gama de informação, percepções, e ações humanas envolvidas com o meio ambiente. Para Jacobi (2004, p. 30) para se fortalecer “o ideário de sustentabilidade” tem-se a necessidade de ocorrer uma multiplicação nas práticas sociais que devem ser baseadas no direito ao acesso à informação e à EA “em uma perspectiva integradora”.

Nesses tempos em que a informação assume um papel cada vez mais relevante, a educação para a cidadania representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação na defesa da qualidade de vida. Nesse sentido cabe destacar que a educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora, onde a coresponsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento – o desenvolvimento sustentável. (JACOBI, 2004, p.30)

Hoje o homem carece de informação, consciência e aceitação de que os problemas relacionados ao meio ambiente e enfrentados por ele são conseqüências da sua dominação e uso inconseqüente dos recursos naturais. Nessa direção, Jacobi (2003) propõe que a EA deva centrar-se na conscientização, mudanças de comportamento e desenvolvimento de competências, aonde a relação entre o meio ambiente e a educação para a cidadania assume um papel crescente que demanda emergência de novos saberes para compreender processos sociais complexos e riscos ambientais cada vez mais intensos.

### 2.3 Educação Ambiental: uma leitura a partir da escola

A educação ambiental é um dos movimentos relacionados à corrente da sustentabilidade que mais se desenvolveu na última década. Composta por ações baseadas em teorias, conceitos e representações sobre o meio ambiente e sobre a sustentabilidade a EA para Jacobi (2003) envolve o conjunto de atores do universo educativo. Dentro desse contexto de degradação e preservação do meio ambiente as práticas de EA estão sendo desenvolvidas e intensificadas na sociedade e tendem a sensibilizar e informar o cidadão sobre a realidade ambiental. Para Carvalho (2006, p. 37) a EA surge “em um terreno marcado por uma tradição naturalista” que tende a ver a natureza como desligada e independente da interação com o homem. Para mudar essa visão deve-se superar a “dicotomia entre natureza e sociedade para poder ver as relações de interação permanente entre a vida humana social e a vida biológica da natureza”.

Para Leff (2001) a EA foi concebida desde a Conferência de Tbilisi (conferência Intergovernamental na Geórgia considerada um dos principais eventos sobre EA do Planeta que foi organizada entre uma parceira da UNESCO E ONU em 1977) como um processo de construção de saberes interdisciplinares e de novos elementos que analisam os complexos processos ambientais que surgem da mudança no mundo.

Para Higuchi e Azevedo (2004, p. 63) é necessário que a sociedade dê mais atenção e reveja as bases que sustentam o planeta aonde a “EA deve ser desenvolvida a partir de múltiplas experiências teórico-metodológicas, em diversos níveis de abrangência, que transcendam as fronteiras do interesse individual superficial e atinjam o âmbito político coletivo”. Ela se constitui em um elemento que promove mudanças de comportamento o qual busca a formação de uma nova consciência ambiental baseada em formação, educação, conhecimento e consciência ecológica.

A educação ambiental como formação e exercício de cidadania refere-se a uma nova forma de encarar a relação do homem com a natureza, baseada em uma nova ética, que pressupõe outros valores morais e uma forma diferente de ver o mundo e os homens. A educação ambiental deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária. (JACOBI, 2003, p. 198)

Teoricamente a EA é considerada por Sato (2004) um processo de permanente aprendizagem que diz respeito a todas as formas de vida. Ela estimula a formação de uma sociedade justa e ecologicamente equilibrada, o que exige uma responsabilidade individual e coletiva. A EA adquiriu nos últimos anos um papel estratégico no processo educacional e, para Rodrigues e Colesanti (2008, p. 58) proporciona a “formação de valores e atitudes que se associam com a sustentabilidade ambiental e a equidade social”.

A natureza e o homem, bem como a sociedade e o ambiente, segundo Carvalho (2006, p. 36), “estabelecem uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo” e a EA é uma peça fundamental para apoiar ações de redes ecológicas tendo como objetivo a sustentabilidade com necessidade de se definir os limites para as possibilidades de crescimento global e traçar um conjunto de iniciativas que levem em conta a existência de participantes. Esses, por sua vez, são relevantes e se tornam ativos por meio da informação, de práticas educativas e de um processo de diálogo informativo, que reforçaria um sentimento de responsabilidade e de constituição de valores éticos.

A educação ambiental é parte do movimento ecológico. Surge da preocupação da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência das presentes e futuras gerações. Nesse sentido, podemos dizer que a Educação Ambiental é herdeira direta do debate ecológico e está entre as alternativas que visam construir novas maneiras de os grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente. (CARVALHO, 2006, p. 5)

Toda essa sistemática de ensino de EA está criando aos poucos, no mundo e no Brasil, uma sociedade voltada para os diferentes aspectos das relações homem e meio ambiente. Políticas sobre a EA começaram a ocorrer no país na década de 80. O Fórum Global, evento não governamental, que ocorreu em paralelo com o Rio-92, conferência da ONU sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, trouxe a tona o grave problema da escassez dos recursos naturais e elaborou o Tratado de Educação Ambiental que definiu as bases da formação da Rede Brasileira de Educação Ambiental.

Desde então as políticas públicas deveriam se preocupar com novas atitudes e posturas ambientais que integrariam a educação de todos os cidadãos. Essas preocupações na esfera educativa foram ratificadas, segundo Carvalho (2006) pela Política Nacional de Educação Ambiental, aprovada em 1999 e regulamentada em 2002, em

que a EA foi instituída como obrigatória em todos os níveis de ensino bem como considerada elemento urgente e essencial da educação fundamental.

De acordo com a Lei Brasileira nº 9795/99, que trata da Política Nacional de Educação Ambiental, entende-se por EA os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a preservação do meio ambiente e sua sustentabilidade. A Lei trata da importância da EA como sendo um dever, não só do Poder Público, mas de toda coletividade, englobando:

- instituições educativas integrem a EA em seu programa curricular bem como nas atividades desenvolvidas;
- os órgãos integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente - SISNAMA - promovendo ações de EA integradas aos programas de conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente;
- os meios de comunicação de massa disseminando informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporam a dimensão ambiental em sua programação;
- as empresas, entidades de classe, instituições públicas e privadas, promovendo programas destinados à capacitação dos trabalhadores, visando à melhoria e ao controle efetivo sobre o ambiente de trabalho, bem como sobre as repercussões do processo produtivo no meio ambiente;
- e, finalmente, a sociedade como um todo, mantendo atenção permanente à formação de valores, atitudes e habilidades que propiciem a atuação individual e coletiva voltada para a prevenção, a identificação e a solução de problemas ambientais.<sup>3</sup>

Para a legislação são princípios básicos da EA:

- enfoque humanístico, holístico, democrático e participativo;

---

<sup>3</sup> BRASIL. Lei nº 9795/99. Disponível em:<  
<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=321>>. Acesso em: 20 maio 2010.

- a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
  - o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
  - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
  - a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
  - a permanente avaliação crítica do processo educativo;
  - abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
  - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.
- (BRASIL, 1999)

O Ministério da Educação (MEC) começou no final da década de 1990 a destinar verbas e a estimular a incorporação da questão ambiental no ensino fundamental e médio e diversas universidades começaram a oferecer cursos com enfoque em áreas de EA. Parece que, com um lento desenvolvimento, as questões ambientais estão sendo inseridas no cotidiano da sociedade brasileira e, principalmente, no âmbito escolar, visto que:

Os educadores têm um papel estratégico e decisivo na inserção da educação ambiental no cotidiano escolar, qualificando os alunos para um posicionamento crítico face à crise socioambiental, tendo como horizonte a transformação de hábitos e práticas sociais e a formação de uma cidadania ambiental que os mobilize para a questão da sustentabilidade no seu significado mais abrangente. (JACOBI, 2005, p. 233)

Para Sato (2002) a EA deve permear todas as atividades escolares, passando por todas as ações do cotidiano educacional. Carvalho (2006, p. 156) vê a EA na escola como um processo que tem o objetivo de “formar o sujeito humano enquanto ser social e historicamente situado” e desenvolver no aluno “responsabilidade pelo mundo em que vivemos, incluindo aí a responsabilidade com os outros e com o meio ambiente”. Inseridas no contexto escolar, as bibliotecas são ambientes de disseminação da informação e

geradoras de conhecimento e podem se tornar lugares propícios para a difusão da EA nas escolas de ensino fundamental e médio do município de Porto Alegre.

#### **2.4 A Biblioteca Escolar: funções e objetivos**

Bibliotecas escolares são fontes legítimas de informação e conhecimento dentro do universo escolar. Promovem, em uma das principais etapas de desenvolvimento do indivíduo, um ambiente único de aprendizagem. As bibliotecas escolares são, para Campello (2002, p. 11), “o espaço por excelência para promover experiências criativas do uso da informação” aonde o futuro leitor encontra a matéria prima para o desenvolvimento da leitura: o livro. Não obstante o livro ser fundamental para a leitura, esta é precedida da palavra escrita e decorre dos primeiros anos de vida do indivíduo. Kuhthau (2002), baseada em estudos do psicólogo suíço Jean Piaget, que definiu os estágios do desenvolvimento cognitivo das crianças e jovens, remete a biblioteca escolar o dever de ser um espaço que procura entender as necessidades e maneiras do usuário a aprender e desenvolver suas habilidades de acordo com sua idade e com suas capacidades cognitivas.

Para Campello (2002, p. 11) a escola e todo o seu meio educacional já não pode mais transmitir automaticamente informações aos estudantes; a escola deve “promover oportunidades de aprendizagem que dêem ao estudante condições de “aprender a aprender, permitindo-lhe educar-se durante a vida inteira”. Para a autora a biblioteca está intimamente ligada ao processo de educar, aonde professores e bibliotecários devem envolver os indivíduos em situações de aprendizagem que os desafiem e os motivem, sempre procurando guiá-los no desenvolvimento de suas competências informacionais que, em consequência, traz informações e usos de todo universo de conhecimento que a biblioteca pode proporcionar.

Por meio da biblioteca os usuários compartilham saberes diante da imensa gama de informação disponível e dos mais variados acessos a essas informações que se constituem em caminhos para a educação, para a formação do intelecto e da cidadania do indivíduo. Para Morin (2008, p. 65) educar é transformar a informação em conhecimento e a “educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão”. A missão do ensino para o autor é transmitir uma cultura que permita o conhecimento e a compreen-

são da nossa real condição de vida e que nos favoreça e nos ajude a viver. No âmbito de formação educacional sobre meio ambiente a biblioteca faz a diferença na escola e pode segundo Andrade (2002, p. 15), “contribuir efetivamente para preparar crianças e jovens para viver no mundo contemporâneo, em que informação e conhecimento assumem destaque central”.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, desenvolvidos pelo MEC a partir de 1997, os quais constituem um referencial para elaboração de propostas curriculares das escolas brasileiras, a biblioteca da escola deve levar crianças e jovens a desenvolverem habilidades e dominarem conhecimentos tornando-os cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. Ela é um espaço que pode influenciar o gosto pela leitura e deve estimular o desejo de o aluno freqüentar seu espaço através de campanhas e movimentos de conscientização, incluindo as relativas ao meio ambiente. A biblioteca deve ser um organismo em crescimento, sempre procurando disponibilizar recursos informacionais das mais variadas formas.

Os saberes elaborados socialmente estão registrados em materiais diversos, que vão desde os tradicionais textos impressos, passando pelos recursos audiovisuais, até as informações virtualmente dispostas. Assim, esses recursos informacionais, nas suas mais variadas formas, precisam estar disponíveis na escola a fim de instrumentalizar os alunos na sua aprendizagem. A tecnologia, ao gerar um ambiente de abundância informacional, agrega uma nova perspectiva ao processo de formação escolar. (...). Reunidos no espaço da biblioteca escolar, os recursos informacionais irão se constituir num rico manancial para propiciar o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para viver e conviver na sociedade da informação. (KUHLTHAU, 2002, p. 10)

Para Sobral (1982) a biblioteca escolar tem como objetivo geral orientar o programa educacional da escola planejando suas atividades tendo como diretriz a educação integral. Ela deve cooperar com o currículo escolar no atendimento às necessidades dos alunos, dos professores e dos demais elementos da comunidade escolar, propiciando aos seus usuários, materiais e serviços apropriados ao desenvolvimento e aperfeiçoamento individual; deve estimular e orientar os alunos em suas pesquisas e leituras; cooperar com os professores na seleção e utilização do acervo da biblioteca; participar com diretores e professores na elaboração de programas para a atualização profissional e crescimento cultural de toda comunidade escolar; cooperar com outras bibliotecas, visando o desenvolvimento de programas relacionados a biblioteconomia.

No conhecido manifesto para Biblioteca Escolar da UNESCO de 1999, a missão da Biblioteca Escolar é de:

Promover serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios. As Bibliotecas Escolares ligam-se às mais extensas redes de bibliotecas e de informação, em observância aos princípios do Manifesto da UNESCO para Biblioteca Pública (UNESCO, 1999, p. 01)

De acordo com a UNESCO/IFLA (1999), os objetivos da biblioteca escolar são:

- a) servir de apoio na consecução dos objetivos educacionais relacionados com o currículo da escola;
- b) desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem e a fazerem uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- c) oportunizar vivência de produção e uso da informação para o conhecimento, compreensão, imaginação e entretenimento;
- d) prestar apoio aos estudantes durante a sua aprendizagem e prática no uso da informação sob qualquer forma ou meio, tornando-os cientes do uso das formas de comunicação onde estão inseridos;
- e) prover o acesso local, regional, nacional e global a todos os recursos e oportunidades existentes que permitam aos estudantes estarem em contato com uma diversidade de idéias, opiniões e experiências;
- f) promover atividades que influenciem a tomada de decisão social e cultural;
- g) trabalhar junto aos estudantes, pais e professores para que os objetivos da escola sejam atingidos;
- h) tornar conhecido o conceito de liberdade intelectual e livre acesso à informação, indispensáveis para a formação de cidadãos responsáveis e participantes da democracia;
- i) incentivar a leitura e o uso de recursos e serviços da biblioteca juntamente à comunidade escolar e ao seu meio.

Fonseca (1983, p. 07) acredita que a biblioteca escolar pode proporcionar a base para o aluno adquirir hábitos permanentes relacionados ao uso correto de todas as fontes de informação que a biblioteca pode oferecer. A biblioteca deve estar adequada à realidade da educação brasileira e também fazer parte de forma ativa das ações pedagógicas da escola servindo como agente de integração, formação e transformação da realidade ambiental, ajudando o educando a enfrentar os desafios do presente e projetando-se no futuro.

Para Bonotto (2007, p. 162) “a biblioteca escolar pode ser considerada o coração ou a alma da escola”. Nela o aprendizado flui junto com a cultura e o desenvolvimento. É considerada peça chave nas ações educativas do meio escolar e deve estar sempre à disposição de alunos, professores, pais e funcionários. Deve orientar seu usuário de modo que desenvolva habilidades de informação para a vida escolar e também fora dela. O cidadão em desenvolvimento pode através da imensa gama de informações disponibilizadas na biblioteca, entender e construir conhecimentos relacionados ao seu papel no meio ambiente e a biblioteca escolar torna-se um ambiente de incentivo à pesquisa, ao conhecimento e à aprendizagem continuada sobre o tema.

## **2.5 Biblioteca Escolar e Educação Ambiental: o bibliotecário como agente socializador**

A escola, um ambiente formal de educação pode encontrar muitas alternativas para a implantação de ações relacionadas à EA. Para Sato (2002), a EA pode ser abordada como uma dimensão que permeia todas as atividades escolares, que envolvem ambientes formais e não formais de educação, no entanto a forma como os profissionais que nela atuam é determinante. A questão em relação à biblioteca ser um espaço formal ou não de educação não está ainda bem definida. Campello (2002, p.07) considera a biblioteca como “espaço de ação pedagógica” e também que “a biblioteca escolar é sem dúvida, o espaço por excelência para promover experiências criativas de uso de informação”, no entanto a autora não deixa clara uma posição em relação à biblioteca ser um ambiente formal ou não de educação, mas a maneira com aborda o ambiente da biblioteca nos leva a crer que ela não é vista pela autora como um ambiente formal, estruturado como é a sala de aula.

Segundo Silva (2004, p.07):

As bibliotecas escolares podem assumir um caráter novo, qual seja, um papel relevante no desenvolvimento e na oferta de oportunidades mais flexíveis de educação. Desse modo, essas bibliotecas, embora vinculadas ao sistema formal de ensino, ampliariam as diversas formas de educação que se caracterizam por maior flexibilidade e estímulo à continuidade do processo educativo. A biblioteca serviria de ponte entre a educação formal, que a estrutura atual da sociedade requer e a educação não-formal que já se anuncia como a mais compatível com as realidades da sociedade futura. (SILVA, 2004, p.07):

Para Biancosi e Caruso (2005, p. 20) existem três diferentes formas educacionais:

(...) educação formal, educação não-formal e educação informal. A educação formal pode ser resumida como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado, e a informal como aquela na qual qualquer pessoa adquire e acumula conhecimentos, através de experiência diária em casa, no trabalho e no lazer. A educação não-formal, porém, define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino.

Se interpretado para compreender o espaço da biblioteca como local de educação, o texto dos autores leva a crer que a biblioteca é um espaço formal de educação já que ela está inserida na escola e na sua estrutura educacional. No entanto se observarmos outras contribuições as definições de biblioteca como espaço formal ou não de educação se confundem. Para Gohn (2009, p.18) os espaços de educação também podem ser definidos como educação formal, não-formal e informal. A autora aborda ainda os objetivos de cada tipo de educação, destacando que os mesmos devem ser observados em cada ambiente:

Na educação formal, entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normalizados por leis, dentre os quais se destacam o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc. A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento. A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. (GOHN, 2009, p.18)

Observado todos os objetivos de cada ambiente de educação, podemos encaixar a biblioteca em cada um deles, sendo que nela se pode encontrar conteúdos historicamente sistematizados, socializar os indivíduos e torná-los cidadãos do mundo. Diante disso a biblioteca se confunde com os espaços formais ou não de educação, mostrando que ela se adapta as diferentes realidades na qual for inserida.

Para Campello (2002, p. 11) “educar é uma tarefa complexa. Exige que todos os recursos e conhecimentos sejam mobilizados para se atingirem objetivos e metas definidas e ao assumir seu papel pedagógico a biblioteca pode participar de forma criativa do esforço de preparar o cidadão para o século XXI”. O ato de educar é um processo que tem como objetivo formar o sujeito enquanto ser social relacionado e interligado no mundo em que ele vive e do qual ele também é responsável. Para Freire (1996, p. 24) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”.

A questão relacionada ao meio ambiente e a EA está inserida em várias áreas do conhecimento e presente no cotidiano de diferentes tipos de profissionais, mas ainda está fora dos cursos de graduação em biblioteconomia. No entanto, uma vez que o profissional bibliotecário se vê inserido no contexto escolar, de tal forma que possa atuar como um ator social que interfira na consecução de práticas educativas sobre o meio ambiente, poderá desenvolver projetos de EA em sua biblioteca e intervir nos processos de construção dos projetos políticos pedagógicos da escola. Sendo assim, a questão ambiental deve ser tratada na biblioteca e pelo bibliotecário como um tema de interesse de todos, já que os problemas ambientais afetam a vida de forma geral e global.

No 2º artigo da Lei 9795/99 citada anteriormente temos que a EA deve “estar presente de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” (BRASIL, 1999). No Art. 3º inciso II a lei incumbe às instituições educativas de “promover a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem”. Entende-se desta maneira que a EA deve abranger toda a escola, dentro e fora da sala de aula de uma maneira interdisciplinar.

Para Cipolat e Martins (2006, p. 179) são tarefas do bibliotecário “fornecer informações com o intuito de alcançar um comportamento ecologicamente correto, gerando pensamentos críticos e atitudes conscientes com relação ao ecossistema”. O profissional bibliotecário deve então estar em constante atualização para poder proporcionar informação sobre o meio ambiente com qualidade e relevância. Neste sentido e através de suas concepções acerca do papel da biblioteca em relação à EA ele pode ser um agente socializador na divulgação da informação sobre o meio ambiente colaborando

com a formação de cidadãos conscientes. Ele pode não só repassar informações provenientes das ciências naturais como correlacionar esse conhecimento com a complexidade das questões sociais e ambientais que circundam e constituem as mutuas relações entre natureza e o ser humano.

### 3 METODOLOGIA

Metodologia é um conjunto de procedimentos e técnicas adotadas pelo pesquisador para atingir o conhecimento desejado. Parte fundamental do projeto de pesquisa deve ser cuidadosamente elaborada a fim de que a veracidade dos fatos seja alcançada. Para Minayo (2007, p. 14) metodologia é “o caminho para o pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” o qual requer além de dedicação, cuidado do pesquisador para, mais do que indicar uma descrição formal dos métodos e técnicas apresentados, indicar conexões do teórico com o objetivo do estudo, é o caminho para a construção do conhecimento que se relaciona com o teórico e o prático.

Para Gil (1999, p. 26) “pode-se definir método como o caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

#### 3.1 Tipo de Estudo

O presente estudo se constituiu em uma pesquisa de caráter exploratório com abordagem qualitativa. As pesquisas exploratórias, para Gil (1999, p. 43) “[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. O levantamento de dados é realizado diretamente com os sujeitos cujo comportamento se deseja conhecer podendo ter assim um conhecimento direto da realidade já que pesquisa-se diretamente com o sujeito.

A abordagem qualitativa responde a questões particulares, geralmente no âmbito das Ciências Sociais. Para Minayo (2007, p. 21) esse tipo de abordagem oferece um trabalho no “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, fenômenos que fazem parte da realidade social. “Os métodos qualitativos”, conforme Haguette (2003, p. 63) “ênfaticamente enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”. Marconi e Lakatos (2006) acreditam que a pesquisa qualitativa é baseada em dados subjetivos que envolvem opiniões, hábitos e fenômenos.

### 3.2 Sujeitos do Estudo

O levantamento de dados foi realizado diretamente com os sujeitos cujo comportamento se desejou conhecer onde foi possível ter um conhecimento da realidade. Os sujeitos foram os bibliotecários e professores que atuam nas bibliotecas das escolas do município de Porto Alegre, sendo que os bibliotecários são divididos nos que estão lotados em escolas que são quatro (04) e nos que prestam assessoria que são três (03).

### 3.3 Instrumentos de Coleta de Dados

O instrumento de coletas de dados utilizados junto aos bibliotecários e professores foi um questionário estruturado, com perguntas abertas e fechadas e a técnica de observação. A mesma se deu em um encontro de formação em EA realizado pela SMED em 30 de abril de 2010.

O questionário é um instrumento de coleta de dados que busca mensurar alguma coisa. É necessário planejamento anterior, com base na conceituação do problema de pesquisa e do plano de pesquisa e com base nestes termos e elementos, é elaborada uma lista abrangente de perguntas sobre cada variável a ser medida. Em relação aos questionários que foram aplicados, pode-se defini-los, segundo Gil (1999, p. 128), “[...] como técnica de investigação composta por questões [...] tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”.

Marconi e Lakatos (2006) acreditam que o questionário, como um instrumento de coleta de dados, é constituído por uma série ordenada de questões que podem vir a ser respondidas sem a presença do entrevistador. Para construir um questionário devem-se traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. Estas questões serão abertas aonde se pergunta a questão e a resposta é dada pelo pesquisado sem nenhuma restrição. Questões fechadas também serão utilizadas com o propósito de obtenção de resposta que melhor representem o ponto de vista do sujeito. (GIL, 1999).

A técnica de observação pode ser vista, segundo Gil, (1999, p. 110), como o uso dos sentidos com a finalidade de obtenção para conhecimentos necessários do cotidiano. No procedimento científico ela é utilizada na medida em que “serve a um objeti-

vo formulado de pesquisa” e apresenta vantagens como a de que os fatos podem ser “percebidos diretamente, sem qualquer mediação”.

### **3.4 Procedimentos Metodológicos**

Nesta etapa se inicia a aplicação dos instrumentos e técnicas de pesquisa previamente elaborados. A observação realizada e os questionários aplicados (anexo A) ocorreram de uma só vez em um evento realizado pela Secretaria Municipal de Educação - SMED, com coordenação da biblioteca da instituição. Trata-se de um encontro de formação com o tema relacionado à Educação Ambiental para profissionais bibliotecários e professores que atuam nas bibliotecas das escolas do município de Porto Alegre. Tal encontro ocorreu na tarde do dia 30 de abril de 2010 no auditório das Livrarias Paulinas no centro da cidade. Seu objetivo, segundo a SMED, foi visar à troca de experiências a respeito da conscientização ambiental nas bibliotecas e a assessoria às escolas envolvidas com essa questão.

A observação realizada do evento envolveu a observação de pontos como seu local de realização, sua metodologia, dinâmica, atividades realizadas, ferramentas de apresentação, o meio como o tema foi apresentado e desenvolvido no decorrer do encontro de formação. O questionário foi entregue aos bibliotecários presentes, somente dois (02), e a sete (07) professores escolhidos aleatoriamente.

#### 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Após a coleta dos dados obtidos os mesmos foram interpretados. Como a análise se deu de duas maneiras, observação do evento e questionários aplicados aos participantes, dividi essa seção em observação realizada e interpretação das questões aplicadas no questionário com o objetivo de encontrar respostas ao problema de pesquisa. Para tanto foi realizado um exame dos dados com verificação crítica.

A interpretação e análise dos dados são duas atividades diferentes que envolvem operações próprias de cada uma, aonde Gil (1999) acredita que o objetivo da análise seja o de organizar os dados de tal maneira que se possibilite fornecer respostas ao problema proposto. Na análise são evidenciadas as relações que existem entre o fenômeno estudado e outros fatores. A interpretação, por sua vez, contempla o sentido maior das respostas e sua amplitude se liga aos conhecimentos anteriormente obtidos.

Os sujeitos de pesquisa, como especificados no item 3.2, foram os bibliotecários e professores que atuam nas bibliotecas das escolas do município de Porto Alegre. Em um primeiro momento procurei saber quantas escolas eram atendidas pelo município e quantos profissionais bibliotecários atuavam nas bibliotecas das mesmas. Diante disso os problemas relacionados às informações buscadas referentes às escolas começaram a aparecer e dificultar o andamento da pesquisa. No site da prefeitura de Porto Alegre a área reservada para as informações sobre a Secretaria Municipal de Educação – SMED e sobre as atividades que ela realiza deixou a desejar nas informações disponibilizadas, que eram muitas vezes desconexas se não ausentes e a simples tarefa de verificar quantas escolas eram mantidas pelo município começou a tornar-se problemática.

As informações foram pesquisadas no site da prefeitura dentro da página da SMED. Em um primeiro momento o site pareceu muito amigável, tinha um ambiente de navegação simples e interessante isso até começarem os problemas. Nenhuma das questões pesquisadas (número de escolas, bibliotecas) foi respondida pelas informações constantes no site. As informações que eu busquei a meu ver podem ser consideradas informações básicas sobre as escolas e por isso deveriam constar em um site de informações sobre a educação no município. Evidenciada a falta de informações parti para outras tentativas de encontrar respostas.

Alguns endereços de email estavam disponíveis no site. Parti para o contato através deles, no entanto nenhum dos emails foi retornado com resposta. Também havia ferramentas de busca na página da SMED, que ao serem utilizadas, não geraram ne-

nhuma resposta, até mesmo com palavras-chaves básicas como “escola” ou “biblioteca”. Utilizar o telefone como meio de obter informações pareceu-me ser a estratégia mais fácil uma vez que, depois de algumas ligações perdidas e informações desconexas, evidenciando um problema sempre presente no que tange o atendimento a população no Brasil, que é a precariedade do serviço público, foi dado o contato inicial com uma profissional bibliotecária que presta assessoria para as bibliotecas do município e que atua na biblioteca da SMED.

No primeiro contato me identifiquei como aluna de biblioteconomia da UFRGS que estava fazendo uma pesquisa de dados para um trabalho de conclusão de curso e que meus sujeitos seriam os profissionais, bibliotecários ou não, que atuam nas bibliotecas das escolas do município de Porto Alegre. Diante disso a assessora pareceu-me bem interessada no tema de pesquisa, que havia comentado com ela junto com minhas informações pessoais, sendo bem solícita em relação aos questionamentos que a fiz. Surpreendeu-me sua gentileza e reciprocidade, pois até o momento minhas tentativas de contato e descoberta de informações tinham sido todas frustradas.

Diante de sua abertura me senti mais a vontade e questionei a assessora, sempre por telefone, sobre a dificuldade que estava tendo em conseguir informações sobre as escolas bem como sobre as bibliotecas das mesmas no site da prefeitura e na página da SMED. Sabia que talvez aquela informação não coubesse a ela responder, mas mesmo assim a questionei. Ela me disse que o site estava passando por revisões e que havia algumas informações indisponíveis. Achei estranho que uma informação tão básica como o número de escolas atendidas pelo município bem como seus endereços e contatos não estarem disponíveis no site da SMED e outras informações como o histórico da Secretaria que poderiam ser, em um primeiro momento, menos importantes já estar disponíveis no ambiente. No entanto, continuei minha pequena “entrevista” pelo telefone.

Procurei saber qual o número de escolas do município que são atendidas pela prefeitura e se existiam bibliotecas em todas as escolas, além do número de profissionais bibliotecários que atendiam as mesmas. A assessora respondeu que o número de escolas de educação infantil, ensino fundamental e médio no município totalizavam 95, todas com bibliotecas sendo que quatro (04) escolas contavam com bibliotecários fixos e as outras eram atendidas por regime de assessoria prestada por ela e por mais dois (02) profissionais que trabalhavam na biblioteca da SMED. No total eram 91 bibliotecas de escolas atendidas por três (03) profissionais da área de biblioteconomia. As bibliotecas que não contam com bibliotecários fixos são atendidas por professores com forma-

ções diversas, como se pode ver neste capítulo uma vez que no questionário há um item relacionado a área de formação dos professores atuantes nestes ambientes.

Seguindo meus questionamentos pelo telefone com a assessora, perguntei a ela se seria possível conseguir os contatos de tais profissionais (bibliotecários) que, assim como ela, atuavam nas bibliotecas das escolas municipais. Para minha surpresa ela comentou que no dia 30 de abril (liguei para a SMED em meados de abril) seria realizado um encontro de formação justamente na área de minha pesquisa, a EA. Finalmente uma luz no fim do túnel! Fiquei empolgada com a notícia e já visualizei a ótima oportunidade de encontrar todos esses profissionais juntos. Conversei mais um pouco com a bibliotecária que mostrou interesse pela área de EA e pela importância de conectar essa educação na biblioteca. Por fim ela acabou me convidando a participar do evento e deixando um espaço para, se eu quisesse, distribuir meus questionários. Era tudo o que eu precisava. Combinei com ela que estaria no local e data combinados e agradei pela oportunidade que ajudaria muito no levantamento de dados. Minha parte agora era desenvolver o questionário e pensar quais os itens que eu observaria no evento. A seguir relato os resultados.

#### **4.1 Observação Realizada**

O evento estava marcado para o dia 30 de abril às 14h00min no auditório das Livrarias Paulinas no Centro de Porto Alegre. As 13h30min eu já me direcionava para o lugar. Adentrei a livraria com toda aquela atmosfera cristã e entre terços, bíblias e rosários questionei uma recepcionista sobre o local da atividade. Subi as escadas com mais fotos de papas e santos e cheguei ao auditório. Lá estava um técnico arrumando os equipamentos para o evento e o bibliotecário coordenador da biblioteca da SMED. Apresentei-me a ele que sabia da minha presença no evento, mas não sabia que eu iria aplicar os questionários. Conversei com ele e o convenci de que eram questionários simples que não tomariam muito tempo do sujeito a quem fosse entregue, mas que era de extrema importância para minha pesquisa. No fim ele concordou e até achou interessante o tema do trabalho, pois esse era justamente o mesmo do evento. Como todos os profissionais atuantes das bibliotecas, bibliotecários e professores (grande número) iriam estar presentes foi decidido aplicar o questionário para 100% dos bibliotecários, sete (07) profissionais no total e também para sete (07) professores uma vez que, como

esses profissionais são maioria nas bibliotecas escolares, verifiquei a importância de explorar também suas concepções acerca da EA.

Posicionei-me na entrada do auditório para poder entregar os questionários na medida em que os participantes iam chegando. Decidi entregar o questionário no início e ir recolhendo-os durante o evento, mesmo sabendo que as respostas poderiam ser influenciadas pelas informações que iriam ser passadas no decorrer da tarde. Ao mesmo tempo ia observando o ambiente e descobrindo um pouco da didática que ia ser aplicada. Na entrada uma auxiliar controlava a chegada dos participantes com uma lista de presença e entregava duas folhas com letras e traduções de músicas de Michael Jackson relacionadas ao meio ambiente que, posteriormente iriam ser projetadas no telão junto com seus clipes musicais. Enquanto isso o coordenador ficava as voltas de conseguir arrumar o projetor que estava estragado, conversar com as professoras que iam até ele, tanto para lhe cumprimentar como para fazer reclamações, e cuidar do andamento do evento que apresentava alguns problemas. Ficou evidente para mim que encontro de formação não tinha sido muito bem planejado, no entanto eu aguardava ansiosamente pelo seu início. Enquanto isso os participantes iam chegando, em sua maioria professoras (de todo público presente havia somente um professor) que iam mostrando mais ou menos interesse por estarem ali. Em algumas se notava o desagrado ao chegar e o interesse único em assinar a lista de presenças. Não demorou muito e meus questionários, pelo menos para os professores, já estavam entregues. Até o momento, mais ou menos 14h20min da tarde somente uma bibliotecária havia adentrado ao local, além é claro do coordenador que ficou de me mandar às respostas do questionário depois, pois, segundo ele não teria tempo de respondê-lo ali. Com relação a esses sujeitos, os bibliotecários, eu estava começando a ficar preocupada, pois teria que encontrar outra maneira de receber suas respostas.

Já era 14h30min e o evento começou. Alguns questionários respondidos já tinham chegado as minhas mãos uma vez que, com a demora do início do evento os sujeitos tiveram mais de tempo de respondê-los. Inicialmente o coordenador agradeceu a presença dos participantes e falou da programação do encontro com a apresentação de uma peça teatral, depois um dos vídeos de Michael e em seguida a apresentação de um filme premiado “Uma Verdade Inconveniente” de Al Gore, depois teríamos mais um vídeo de Michael e um espaço para debates. Pensei se não seria um tanto demorado ou talvez até chato tomar todo esse tempo para apresentar na íntegra o filme de Al Gore, não desmerecendo o documentário muito interessante e relevante, inclusive eu já havia assistido, mas pelo tempo que se leva e pela atenção que se deve ter ao assisti-

lo. Talvez se algumas partes mais relevantes tivessem sido montadas em uma apresentação mais dinâmica. Para ajudar o retroprojeto estava com uma lâmpada queimada o que acabou deixando a projeção mais lenta.

Deram-se início as atividades. A peça encenada por alunos era baseada em um livro de Ruth Rocha “O Menino que Quase Morreu Afogado no Lixo”. É um livro interessante, eu já o conhecia também, mas não parecia ser uma temática adulta. Foi uma apresentação para crianças, com uma linguagem básica e divertida que realmente passou uma mensagem, mas talvez fosse mais apropriada para crianças. Em seguida veio o vídeo de Michael Jackson “Earth Song”. Como o equipamento estava estragado o vídeo acabou rodando mais lentamente e a voz do cantor distorcida. Como término do vídeo o coordenador falou um pouco sobre a importância da consciência ambiental na escola e da importância da biblioteca tomar iniciativas de inclusão do tema no seu ambiente. Neste momento abriu para considerações dos presentes que rapidamente se manifestaram (uma professora) para reclamar da falta de material na biblioteca, mais precisamente fichinhas de empréstimo. Concluí que o tema do evento não era muito importante para ela. No mesmo instante, outra professora se manifestou dizendo estar com o mesmo problema e assim começou um “debate” sobre a gráfica que prestava o serviço de impressão das tais fichinhas. Conversaram mais um pouco e acabaram por passar um abaixo assinado pedindo a troca da tal gráfica. Nesse meio tempo mais questionários com respostas me foram entregues. A essa altura já tinha em mãos todos os sete (07) questionários dos professores que precisava e mais dois dos três bibliotecários que compareceram ao evento.

Começou a apresentação do filme de Al Gore. Se o vídeo de Michael tinha demorado mais por causa do problema no equipamento era evidente que o documentário também levaria mais tempo. Achei que o coordenador diante do problema com o equipamento optasse por passar somente alguns trechos mais importantes do filme e depois partisse para uma mesa redonda, um debate para elucidar questões relacionadas ao tema do encontro entre outras questões. No entanto o filme foi reproduzido na íntegra e à medida que o tempo ia passando as pessoas presentes iam embora. No final, depois de mais ou menos duas horas de reprodução, restaram no máximo dez participantes. Um final triste para um evento que tinha tudo para ser bem sucedido com mais de cinquenta participantes.

Ficou evidente o despreparo da coordenação do encontro diante da situação vivida naquela tarde. Achei que faltou planejamento, que mais conceitos e mais idéias relacionadas à conscientização e educação ambiental pudessem ter sido apresentados e

discutidos. Que mecanismos e soluções de abordagem relacionadas à EA fossem divulgados e apreendidos para serem implementados nas bibliotecas de todas as escolas. Faltou entender a realidade e visão dos profissionais presentes para se trabalhar com ferramentas de ensino mais dinâmicas, próprias a EA. Achei que o encontro ficou vago, e deixou a desejar em muitos aspectos como, organização e dinâmica do próprio encontro. Em nenhum momento deu-se explicações de conceitos sobre EA, dicas de ações em bibliotecas, espaço para dúvidas de como a EA pode ser trabalhada na biblioteca escolar.

Não se sabia o que os profissionais ali presentes achavam sobre a EA e a conscientização ambiental nas bibliotecas das escolas. Não se sabia se eles já tinham implementado alguma coisa em suas bibliotecas sobre o tema. Não se sabia o que eles entendiam sobre meio ambiente, sobre EA e sobre a conscientização ambiental, tema do encontro. Não se sabia a realidade e estrutura das bibliotecas para se trabalhar com EA e, no entanto, ao final do encontro, ficou-se sem saber nada disso.

#### **4.2 Interpretação das Questões Aplicadas**

O questionário que apliquei no dia do encontro continha 08 questões. Quando as formulei, acreditei serem questões básicas de conhecimentos sobre EA e meio ambiente. No entanto, depois de aplicado e até mesmo no dia da aplicação dos questionários comecei a perceber que talvez eu estivesse exigindo muito dos meus sujeitos. No início do questionário procurei saber se o sujeito que estava respondendo as questões era professor ou bibliotecário e qual a sua faixa etária. Se professor o mesmo poderia optar por colocar sua área de formação. A seguir estão a análise das questões e as descobertas das concepções dos profissionais, professores e bibliotecários, presentes no dia do encontro. Para uma melhor visualização, colocarei a pergunta e depois a análise.

A primeira questão é relacionada a entendimentos sobre sustentabilidade e EA.

##### **1) O que você entende por sustentabilidade e educação ambiental?**

As respostas dessa primeira pergunta evidenciaram um entendimento básico das questões relacionadas à sustentabilidade, conceito que poderia ser menos conhecido

pelos sujeitos, e um entendimento mediano sobre EA, tema bastante atual que deveria ser mais compreendido por profissionais que trabalham com o ensino, principalmente o ensino em fases iniciais como os das escolas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

As respostas foram mais simples, como a de um professor que não indicou sua formação: “a sustentabilidade tem relação direta com a vida de cada um, são mínimos detalhes que colaboram com a EA”. Também a de um professor formado em arte e educação: “Não entendo claramente o termo sustentabilidade e sobre a educação ambiental entendo por cuidados com a natureza, preservação das espécies e separação e reciclagem de lixo”. Um bibliotecário respondeu a pergunta dizendo que é “conscientizar para preservar o ambiente”, resposta eu achei vaga uma vez que a questão envolvia o entendimento relacionado à sustentabilidade e a EA, dois conceitos diferentes, mas que se unem é claro. Talvez esse profissional acredite que as duas devam estar incluídas em um só conceito.

Algumas respostas pareceram mais claras e demonstraram um maior entendimento e/ou interesse pelo tema. Elas podem ser observadas a seguir:

- “Sustentabilidade é a capacidade de obter o sustento de uma comunidade, com dano mínimo ao ambiente. Educação ambiental é promover ações concretas, visando à conscientização e a preservação do ambiente”. (bibliotecário)
- “Compreendo sustentabilidade como a solução ideal na relação produção e utilização de recursos onde se preservam o meio ambiente e a dignidade do ser humano”. ( professora formada em artes plásticas)
- “Sustentabilidade é a adequação ao meio ambiente e educação ambiental a conscientização dos limites da atuação humana frente aos diferentes ecossistemas e recursos ambientais”. (professor formado em filosofia)

Essas respostas foram dadas no início e no meio do encontro de formação. Em nenhum momento, durante as atividades, foram apresentados conceitos ou informações acerca da sustentabilidade ou de qualquer outra corrente de educação envolvida com o meio ambiente. Caso os profissionais não entendessem bem a questão, como pode ser evidenciado pelas respostas, saíram do encontro de formação, que tinha como tema a consciência ambiental, sem nenhum conhecimento a mais sobre o assunto. Nem exemplos de atividades que pudessem ser aplicadas nas bibliotecas em que atuam foram sugeridas, compartilhadas ou discutidas.

A segunda questão envolvia diretamente o conceito de EA da primeira e como os profissionais viam isso na sociedade em geral.

**2) Como você vê a educação ambiental na sociedade em geral? E as atividades de preservação relacionadas ao meio ambiente, acha que ocorrem?**

De um modo geral as respostas foram mais abrangentes ou mais elaboradas que as da primeira questão, talvez porque transcrever em palavras nossos conceitos seja mais difícil. Abaixo algumas das respostas:

- “Acho que estamos engatinhando. O individualismo ainda predomina. Cada ser humano deve ser um “policia” um “educador”. As atividades de preservação devem iniciar na família e na escola e são para a vida toda”; (professora formada em artes plásticas)
- “São raras iniciativas e bastante isoladas. Quem deveria realmente buscar ações grandes e efetivas que são os governos, não o fazem por terem outros interesses financeiros que pesam mais”; (professora formada em pedagogia)
- “Ainda percebo ações isoladas, mas que se bem organizadas e divulgadas poderão se tornar um novo estilo de vida que vai tornar a vida no planeta, num futuro bem próximo, possível. É importante ver a educação ambiental não apenas como plantar ou separar o lixo, mas como um novo estilo de vida que repensa diversas de nossas atitudes”; (professora formada em psicopedagogia)
- “A Educação ambiental ainda é muito teórica, apenas no âmbito do discurso, com poucas ações concretas. Em algumas comunidades, observamos a mobilização em direção as práticas efetivas de preservação, como a reciclagem do lixo”. (bibliotecário)
- “Em muitos casos vejo a esperança no futuro jogada nas crianças. São elas que estão sendo formadas para educarem os pais e os outros. O processo de preservação é lento. Basta ver a relação da população com o lixo seco. Ainda são poucas que separam o lixo”. ( bibliotecário)

A maioria das respostas dessa questão mostraram que os sujeitos acreditam que alguma atividade de EA ocorra na sociedade, no entanto ligam essas atividades a coi-

sas que eles acreditam ser básicas ou primárias, como a separação do lixo. Não que essa atividade de reciclagem não esteja ligada a EA, ela está, mas a EA está mais além do que isso, ela é mais abrangente, mais complexa e interliga homem, educação, conhecimento e natureza. Como bem coloca a Lei Brasileira nº 9795/99, que trata da Política Nacional de Educação Ambiental, a EA envolve processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a preservação do meio ambiente e sua sustentabilidade. Não são somente ações desconectadas, mas ações que compreendem um maior entendimento e o querer fazer, o saber porque está fazendo determinada coisa e aonde aquela atitude preservacionista pode nos levar.

A terceira questão era fechada e tratava da instituição que o sujeito acreditava ser responsável pela preservação do meio ambiente em Porto Alegre.

**3) Em sua opinião, qual a instituição responsável pela preservação do meio ambiente em Porto Alegre:**

- Fundação Estadual de Proteção Ambiental - FEPAM
- Secretaria Municipal do Meio Ambiente - SMAM
- Prefeitura
- Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - IBAMA
- Não sei
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

Aqui a maioria dos sujeitos atribuiu a responsabilidade pela preservação do meio ambiente em Porto Alegre a SMAM. De fato a Secretaria é responsável pela preservação do meio ambiente da cidade e atua em várias esferas, como educação ambiental e licenciamento ambiental do município, por exemplo.

Conforme informações encontradas no site,<sup>4</sup> a Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Porto Alegre, fundada em 1976, foi a primeira secretaria do meio ambiente do país. Foi pioneira e priorizou a ampliação e a gestão de áreas verdes urbanas. A partir da década de 90 estruturou-se para promover políticas de proteção ao meio am-

---

biente e de controle as atividades impactantes. Hoje é órgão executivo responsável pela proteção do sistema natural e pelo controle de qualidade ambiental no município de Porto Alegre e o trabalho de fiscalização está centrado no Licenciamento Ambiental.

Sua missão é a de atuar na gestão das áreas verdes, cuidando da arborização dos parques, das praças, das reservas e das áreas verdes públicas. Na gestão do meio ambiente a secretaria atua sobre a poluição atmosférica, monitorando a qualidade do ar, poluição do solo, controlando as atividades de extração mineral e casos de contaminação do solo por resíduos de qualquer natureza, poluição hídrica monitorando a ação das indústrias e a emissão de resíduos e poluição sonora. Avalia o licenciamento de todas as atividades comerciais e industriais e prestadoras de serviço do município potencialmente poluidores, do ponto de vista das emissões sonoras. Todas estas atividades são executadas conjuntamente para liberação de processos de licenciamento ambiental. A SMAM coordena desde março de 2005 o Comitê Gestor de Educação Ambiental da Prefeitura que integra as diversas secretarias e departamentos, traçando a mesma linha de atuação nessa área de Educação Ambiental

Relacionado à biblioteconomia é importante citar que a secretaria gerencia hoje duas bibliotecas, a especializada em Ciências Ambientais - Biblioteca Jornalista Roberto Eduardo Xavier - que tem como missão, segundo informações do site, dar suporte à pesquisa, a estudos e a projetos preservando a memória institucional, além de acompanhar os avanços na área de Ciências Ambientais. Para a biblioteca a gestão ambiental traduz-se em acompanhar os mais diversos avanços na área em que atua, procurando facilitar o acesso à informação nos mais variados segmentos sociais estabelecendo assim mecanismos de educação, informação e divulgação à comunidade.

A Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah está situada no Parque Moinhos de Vento, conhecido como "Parcão". Ela tem um ambiente todo projetado para a EA, o que torna a biblioteca propícia para a realização de atividades lúdicas para as crianças de educação infantil e do ensino fundamental. Sua missão é a de promover a consciência ecológica no público infanto-juvenil, através de atividades de incentivo à leitura, de oficinas de literatura e educação ambiental. Sua visão é promover constantemente e de maneira qualificada a consciência ecológica como estímulo para um mundo melhor. Essa biblioteca infantil apresenta um grande potencial para ensinar e conscientizar em

EA, e está aberta a visitas de escolas do município. Não consegui saber na minha pesquisa se realmente há a conexão das escolas com essa biblioteca. (SMAM, 2010).<sup>5</sup>

Nas respostas do questionário, as que não indicavam somente a SMAM como responsável, indicavam, em sua maioria, a responsabilidade pela preservação do meio ambiente em Porto Alegre para mais de um dos órgãos citados na questão, onde a SMAM foi selecionada em todas as respostas. Também foram citadas como responsáveis, no campo “outros”, as Ong’s e as escolas do município.

Na quarta questão eu procurei saber se o sujeito acreditava que a escola deveria incluir em suas disciplinas e no seu cotidiano saberes e ações relacionadas à sustentabilidade e EA fazendo com que essas práticas se unissem no dia-a-dia, formando ligações entre as disciplinas e tornando-se parte da vida de cada um dos alunos.

**4) Você acredita que a escola deva incluir nas disciplinas escolares e, em seu cotidiano (projetos pedagógicos), práticas de saberes relativos ao meio ambiente, sustentabilidade e educação ambiental?**

As respostas dessa questão foram, das mais simples como o “sim” respondido pelo professor de filosofia, me levando a pensar se eu deveria ter colocado um “comente” no final da questão, até respostas mais pontuais, relatando a realidade de cada escola como foi o caso de a maior parte das respostas. Abaixo algumas delas:

- “Não só acredito como já tenho implantados na minha escola vários projetos de apoio pedagógico”.(professora, formada em artes plásticas)
- “Acredito que devam ter projetos dentro da escola, deve ter a disciplina e talvez passe por todas as disciplinas”. (professora, não indicou sua formação)
- “Realizo há mais de 20 anos a separação do lixo em minha residência. Como professora tentei implantar a separação do lixo na minha escola. Mas se for um plano de poucos ele tende ao fracasso. Deve ser um mega projeto!”; (professora, formada em artes plásticas)

---

<sup>5</sup> PORTO ALEGRE, Secretaria do Meio Ambiente – SMAM. Disponível em:<  
<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/>>. Acesso em: 27 maio 2010.

- “Sim. A escola é o lugar certo para divulgar as informações corretas sobre o Meio Ambiente e conscientizar a criança e sua família para praticar ações que visem à preservação do ambiente”. (bibliotecário)
- “As escolas já promovem e muito esses saberes, desde a educação infantil até o ensino médio”. (bibliotecário)

As repostas dessa questão levam a crer que a Educação Ambiental e as práticas de sustentabilidade são fatores relevantes para esses profissionais. Todos foram unânimes em concordar deve desenvolver um papel educacional relativo ao meio ambiente. No entanto, somente uma resposta, a de uma bibliotecária, envolveu a família em uma possível interação com a escola. Para Carvalho (2006) a escola tem como desafio educar as crianças e os jovens. Ela deve proporcionar desenvolvimento tanto humano quanto cultural, científico e tecnológico, de modo que o educando “adquiras condições para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo. Tal objetivo exige esforço constante de diretores, professores, funcionários e pais de alunos e de sindicatos, governantes e outros grupos sociais”. (CARVALHO, 2006, p. 12)

Fica evidente que projetos pedagógicos devam ser de responsabilidade da escola como acreditam os sujeitos dessa pesquisa, mas esta deve procurar envolver toda a comunidade escolar que também pode inserir idéias na escola e assim trabalharem em conjunto. Desse modo obterão mais sucesso, afinal a escola trabalha para formar cidadãos e esses devem levar seus conhecimentos para além do ambiente escolar e, de uma maneira recíproca a sociedade pode fazer o mesmo, formando uma conexão de saberes e de aprendizados.

Na 5ª questão procurei saber como os profissionais das bibliotecas viam a mesma no âmbito educacional. Se professores, mais acostumados com ambientes formais de educação com a sala de aula, tinham opiniões diferentes dos bibliotecários, e como visto no referencial dessa pesquisa, se esses profissionais diferenciariam a biblioteca como espaço formal ou não-formal de educação. Também antes de qualquer definição procurei saber se tais sujeitos viam a biblioteca como um ambiente de educação. Optei por não colocar o termo não-formal, pois acredito que ele poderia se confundir com o termo informal uma vez que em uma primeira interpretação os mesmos podem parecer iguais.

**5) Você vê a biblioteca como espaço de educação? Se sim, ( ) formal ou ( ) informal?**

Nessa questão as respostas me surpreenderam no sentido em que muitos desses profissionais (mais de 50%) acreditam que a biblioteca seja um misto de educação formal e não-formal. A maioria dos sujeitos apenas optou por assinalar os dois campos, formal e informal ou também apenas um deles, sem tecer comentários acerca da opção marcada. No entanto alguns o fizeram:

- “Vejo a biblioteca nos dois sentidos, quando cumprimos o que nos propôs nos projetos de escola (formal) e informal quando os alunos procuram a biblioteca para simples troca de idéias”; (professora, com formação em pedagogia optou por marcar os dois campos, formal e informal)
- “A biblioteca não deve ter paredes e todas as pessoas e disciplinas devem passar por ela”; (professora, não indicou sua formação, e optou também por marcar os dois campos, formal e informal:
- “Formal e informal. Toda educação informal é formal e vice-versa”; (professor, formado em filosofia, também marcou os dois itens)
- “Evidente, a biblioteca além do incentivo à leitura deve ser apoio à pesquisa nas diferentes áreas do conhecimento”; (professora formada em artes plásticas marcou espaço informal)
- “A biblioteca é parte integrante da escola, do cotidiano e das práticas pedagógicas desenvolvidas em todos dos níveis de aprendizagem”. (bibliotecário, marcou o item educação formal)

Diante das respostas constatei que os profissionais que atuam nas bibliotecas acreditam, em sua maioria, que ela é tanto um espaço formal como informal de educação. Conforme conceitos citados no referencial teórico deste trabalho que falam sobre o que são espaços formais, não-formais e informais de educação, notei que, e pode ser assim que tais profissionais pensam sobre as mesmas, a biblioteca possui aspectos e características diferentes que podem ser evidenciadas em cada tipo de ambiente de educação.

Biancosi e Caruso (2005, p. 20) trazem a educação formal como sendo “aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado” no qual a biblioteca está intimamente inserida. A biblioteca também pode apresentar aspectos característicos à educação informal como coloca Gohn (2009, p.18) que acredita que “a educação informal socializa os indivíduos” e a biblioteca por sua vez é um espaço de socialização e, também para a autora, a educação formal por sua vez tem como meta “a transmissão de informação e formação política e sociocultural”, sendo que este tipo de informação é facilmente encontrada na biblioteca misturando-se com as práticas de socialização dos indivíduos citada acima como característica da educação informal.

Na questão 6, o objetivo era saber se, antes de ser responsável ou assumir ações relacionadas à EA, os profissionais acreditavam que a biblioteca era um espaço para tal. Somente um profissional respondeu que acreditava que a biblioteca não era responsável por ações relacionadas à EA na escola.

**6) Em sua opinião, a biblioteca da escola é responsável e/ou deve assumir ações relacionadas a uma maior responsabilidade social relativa ao meio ambiente, perante a comunidade escolar sendo caracterizada assim como local de EA?**

-“ Não acho que a biblioteca deva ser a responsável pela EA., mas sim o grupo da escola, a comunidade escolar. A biblioteca é local de todo e qualquer tipo de informação e áreas, não podendo ater-se a uma ou outra causa exclusivamente e ao mesmo tempo abandonando diferentes questões e causas.”(professora, formada em pedagogia)

A maioria dos sujeitos não deixou explicitado, como a resposta da professora acima, se achava que a biblioteca era ou não responsável por ações relacionadas a EA na biblioteca. No entanto a maioria acredita ou acha importante a biblioteca realizar ações em prol da EA, conforme demonstram as respostas:

- “Na minha opinião a biblioteca deve assumir junto com toda a escola sua participação ativa nesta luta”; (professora formada em artes plásticas)

- “Com certeza, existe uma vasta gama de atividades complementares incluindo leitura, audiovisuais, hora do conto, teatro, música que atendem ao tema e que podem ser realizadas na biblioteca”; (professora, também com formação em artes plásticas)
- “Sim. Como todos os setores da escola” (professora, formação em psicopedagogia)
- “A biblioteca deve ser o espaço de reunir, organizar, providenciar material relacionado à EA. Mas deve ser de responsabilidade relacionadas às ações as equipes pedagógicas e professores das diversas áreas”; (professora, não indicou a formação)
- “Sim. A biblioteca é o local adequado para reunir as pessoas, socializar conhecimentos e por que não, promover iniciativas que visem fomentar a consciência ecológica da Comunidade Escolar”; (bibliotecário)
- “A biblioteca é um espaço de formação e como tal também é responsável pela educação ambiental”. (bibliotecário)

As respostas acima me levaram a crer que, mesmo não deixando isso explícito, os profissionais não acreditam que a biblioteca seja responsável pelas ações de EA na escola, mas acreditam que, em conjunto com a escola e com seus projetos pedagógicos a biblioteca deva colaborar com ações e com informações sobre o meio ambiente auxiliando a comunidade escolar a desenvolver práticas de EA.

Os objetivos da Biblioteca Escolar segundo a UNESCO/IFLA (1999) são, de uma maneira geral, orientações para profissionais que trabalham nesse tipo de biblioteca. Notei que todos os objetivos, se interpretados em relação à EA apresentam potencial para servir de base a muitas ações nessa área. Dentre todos os objetivos que podem ser direcionados a uma EA mais dinâmica e presente na escola e na biblioteca, se destacam o de servir de apoio na consecução dos objetivos educacionais relacionados com o currículo da escola; o objetivo de promover atividades que influenciem a tomada de decisão social e cultural e também o de trabalhar junto aos estudantes, pais e professores para que os objetivos da escola sejam atingidos.

Neste sentido e analisando as respostas dos profissionais ficou evidente que a biblioteca tem um importante papel relacionado às práticas e ações de EA na escola e deve servir de apoio as realizações das mesmas ou até mesmo desenvolvendo projetos na área de EA.

O objetivo da questão 7 era de corroborar a questão anteriormente feita aos sujeitos no sentido de descobrir se os profissionais que atuam nessas bibliotecas tinham algum conceito pré-definido sobre as ações da biblioteca relacionadas à EA e também procurar descobrir como eles se viam e como viam as suas ações e suas atitudes dentro da biblioteca a que estão inseridos. Queria fazê-los pensar nas atitudes e ações relacionadas à EA que tinham na biblioteca ou que poderiam desenvolver. Abaixo algumas respostas:

**7) Na sua concepção qual o papel que as Bibliotecas das Escolas do município de Porto Alegre devem cumprir em relação à Educação Ambiental? E o papel do bibliotecário e/ou do professor que atua nessas bibliotecas?**

- “Incentivo, divulgação, parceria com os educadores e outros setores da Escola, acesso no conhecimento através de diferentes meios, livros, internet, histórias, exposições, etc. (professora, formada em educação infantil)
- “Promover palestras, debates, filmes, leituras, trabalhos diversos, Gincana ambiental maravilhosa (ver site da escola). Atualmente estamos passando o filme “Home – o mundo é nossa casa” – sugiro!”; (professora formada em artes plásticas)
- “Elaborar/transmitir informações, proporcionar espaço para o debate, conscientizar. Não julgo que exista diferença entre biblioteca e bibliotecário quanto a concepção de uso do espaço. É o bibliotecário que cria/possibilita mudanças na concepção da função da biblioteca”; (professor formado em filosofia)
- “A biblioteca pode contribuir com “horas de leitura” com textos variados e específicos; “hora do conto” com a mesma proposta, organizando e reunindo materiais em formas de textos, vídeos para auxílio dos professores; (professora, formada em pedagogia)
- “A biblioteca e o bibliotecário e/ou o professor tem seu grande papel na circulação de informação em todos os níveis”; (bibliotecário)
- “A biblioteca escolar reúne todo o material bibliográfico relacionado ao tema e serve como ponto de encontro de professores, alunos e comunidade. Logo, todas as atividades propostas pela Biblioteca atingem o coletivo da escola e promovem uma mobilização geral, com grande comprometimento por parte dos envolvidos. (bibliotecário)

Aqui as respostas dos professores foram mais exemplificadas e as dos bibliotecários mais conceituais. Notei que nenhum falou da importância do conhecimento em relação à EA por parte dos professores e dos bibliotecários bem como formação ou cursos na área. Acredito que o profissional desse tipo de ambiente deva estar em constante atualização e aprendizado, principalmente sobre temas relacionados ao meio ambiente e EA, tão diversificados e tão mutantes. Também notei que nenhum profissional citou a importância do educando estar em contato com a natureza de alguma maneira, fora ou até mesmo dentro da biblioteca.

Acredito que para se entender e ensinar na área de EA deve-se estar em contato com o meio ambiente em que se vive, isso pode sim estar inserido dentro da biblioteca, nos seus arredores ou fora do universo da escola atendida. Parece que os conceitos de atividades que esse profissionais acreditam ser os ideais para serem desenvolvidos dentro da biblioteca estão um pouco ultrapassados. Claro que horas do conto ou atividades de incentivo a leitura são sempre importantes e ideais e uma biblioteca, principalmente escolar, mas o ensino novo e criativo deve procurar ser desenvolvido nesses ambientes para agradar alunos cada vez mais inseridos em universos aonde a informação é vasta e as atividades e novidades tornam-se entediantes e desatualizadas rapidamente.

Conforme Martins e Cipolat (2006, 180):

O profissional bibliotecário tem um importante papel como agente socializador e disseminador da informação, principalmente sobre o tema meio ambiente. Fornecer informações como o intuito de alcançar um comportamento ecologicamente correto, gerar pensamentos críticos e atitudes conscientes com a relação à preservação do nosso ecossistema também são tarefas a serem cumpridas por ele.

As autoras ainda acreditam que os profissionais que atuam nas bibliotecas escolares são os que primeiro devem buscar atualização. Isto porque estão sempre em contato com crianças e adolescentes, que serão os “responsáveis pela preservação ambiental e os difusores dessas ações e informações”. Martins e Cipolat (2006, 180)

Diante desses conceitos e das respostas encontradas nos questionários parece claro que os profissionais atuantes nas escolas têm idéias acerca do que podem fazer

em relação ao papel da biblioteca na EA. Sem dúvida um entendimento das questões relacionadas ao meio ambiente, a obtenção de conhecimento e atualização e o conhecimento da realidade e do meio em que vivem são essenciais para que estes profissionais se tornem mais cada vez mais preparados para ensinar e proporcionar atividades e vivências em EA.

Aqui o objetivo da questão 8 era simples. Ver se existiam estratégias ou práticas de educação ambiental nas bibliotecas e como elas eram realizadas. Abaixo algumas respostas:

**8) Existem estratégias de educação ambiental na ou nas bibliotecas aonde você atua? Se sim, você pode dizer algumas?**

- “Temos projetos dentro do Cidade Escola, Mais Educação, no Currículo mesmo e a biblioteca é o local que congrega todos os projetos. Temos vasta literatura exposta em local especial (recanto ambiental); (professora, formada em artes plásticas)

- “As estratégias são muito vagas. Alguns professores trabalham com o tema e com algumas turmas específicas. A biblioteca recebe, reúne e sugere textos a serem trabalhados. A biblioteca também oportunamente, com a “Hora da Leitura” e a “Hora do Conto” contribuindo com informações e lazer sobre temas de EA; (professora, formada em arte-educação)

- “Não, não existe sistematizado. Acontece sim atividades na nossa biblio, como a “Hora do Conto” que pode abordar algum assunto desta questão”; (professora, formada em pedagogia)

- “Sim. Professores das diferentes áreas tratam desse assunto durante todos os semestres. Biologia e química referem-se a este tema quando discutem a ação do homem sobre o meio e suas conseqüências”; (bibliotecário)

- “Sim. Nosso Iº Encontro de Formação de 2010 foi exatamente sobre esse tema. O grupo de contadores de histórias falou sobre o lixo e a atitude das crianças; o *clip* Michael Jackson, *Earth Song*, que fala do futuro do planeta,

bem como o filme “Uma Verdade Inconveniente”, sobre o aquecimento global”. (bibliotecário)

Nesta questão as respostas demonstram já haver um interesse por parte das bibliotecas e das escolas em trazer a EA para diferentes ambientes de educação, no entanto essas ações parecem bem superficiais. Alguns sujeitos demonstraram através de suas respostas, entender e compreender a realidade da biblioteca aonde atua e a falta de atividades voltadas para a EA e adaptadas a realidade de cada escola. Parece que eles sabem que muito mais pode ser feito em suas bibliotecas quando o assunto é EA, mas não sabem por onde começar a desenvolver tais habilidades. O Encontro de Formação que é citado pela última resposta, a do bibliotecário, é, como se pode perceber, o descrito neste trabalho na parte de “observação realizada”.

Como leu-se o encontro ocorrido não foi de grande valia e tampouco o considero como “Encontro de Formação”. Nenhum conceito foi dado sobre nenhuma área de EA. Nenhuma conexão de saberes aconteceu, ninguém deu sua opinião ou demonstrou o que pensava em EA, muito menos teve idéias ou exemplos de como ela poderia ser implementada em seu ambiente de trabalho, a biblioteca. Acredito que o evento pecou em muitos aspectos e que não poderia ter sido citado pelo bibliotecário como “Encontro de Formação”. Acredito que em nada adiantou tal encontro e que os profissionais que participaram do mesmo, entraram e saíram com as mesmas concepções sobre EA as quais tem-se acesso nas interpretações das questões acima.

No final do questionário optei por dar um espaço para, quem quisesse, escrever alguma coisa a respeito da EA e que não pôde se expressar em nenhuma das questões anteriormente feitas. Algumas pessoas responderam:

**Aqui você pode se achar necessário, colocar considerações acerca dos problemas e/ou soluções que acredita estarem envolvidos na realidade educacional brasileira, inclusive os relacionados ao meio ambiente.**

- “É impossível pensar em educação ambiental e envolver apenas alguns setores da sociedade. A questão ambiental é uma questão de todos os setores da sociedade. Todos os setores devem ser multiplicadores e fiscalizadores das ações am-

bientais. Nas escolas falta de RH para “tocar” projetos inovadores na questão ambiental; (professora, formada em psicopedagogia)

- “O meio ambiente sofre diretamente as ações do homem. Existem pessoas conscientes que se preocupam em agir em prol do meio onde vive. É importante que cada um faça a sua parte. É assim que a transformação pode acontecer. Ainda vejo as escolas com lâmpadas ligadas quando não têm ninguém na sala, os ventiladores também. Devido a isso considero o processo de educação ambiental ainda em andamento; (bibliotecário)

- “A falta de recursos humanos suficientes para se desenvolver um trabalho satisfatório, sem chegar ao limite dos esforços humanos. (bibliotecário)

Apesar do pequeno número de sujeitos que se pronunciou nessas considerações finais, notei que a falta de estrutura e recursos no ambiente de trabalho desses profissionais acabam por frustrá-los, mas que isso não chega a ser um empecilho para a realização de alguma atividade relacionada ou não a Educação Ambiental.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise ambiental no mundo é reflexo das ações do homem e dos modelos constituídos de globalização e consumo. Apesar de todos os documentos, nacionais e internacionais, que definem os conceitos, características e princípios necessários para o desenvolvimento da Educação Ambiental, acredito que exista uma crise de conhecimento ou de falta dele, mas a maior crise pode ser a de percepção. Percepção dos problemas que assolam hoje a sociedade global e brasileira e a falta de consciência a respeito deles.

Apesar de todo crescimento e aceleração da economia brasileira, a realidade do ensino público no país, seja ele federal, estadual ou municipal, continua sendo preocupante em vários aspectos. A falta de estrutura física e financeira acaba por atingir diretamente educadores e educandos. Notei, na maioria das respostas dos sujeitos entrevistados, o despreparo e/ou o desconhecimento em temas relacionados à EA. Temos profissionais despreparados trabalhando em locais de extrema importância para a educação, principalmente nas séries iniciais e a formação continuada desses profissionais se faz extremamente necessária.

Notei que as bibliotecas ainda parecem ser locais para depósito de livros e materiais didáticos e que caminham a passos lentos para mudanças. Ainda trabalham nelas professores, em sua maioria impossibilitados de alguma maneira de trabalhar em sala de aula, que são realocados nesses ambientes, como me disse a coordenadora da biblioteca da SMED, e que estão despreparados para atuar em um local tão importante como a biblioteca escolar. Essa biblioteca é um dos pilares da escola e, se bem trabalhada, tem grande potencial para contribuir em EA e atingir os estudantes com atividades das mais variadas formas. O profissional inserido no ambiente da biblioteca escolar, bibliotecário ou não, deve relacionar suas tarefas a EA, agindo como socializador e divulgador de informações sobre o meio ambiente procurando inserir aquelas ao lugar e a realidade social em que os educandos estão inseridos

A biblioteca tem uma dimensão educativa e dessa maneira deve ser encarada nas escolas, nas secretarias de educação, pelas políticas educacionais, pela sociedade e pelos políticos e governantes. Os dois últimos têm o dever de fazer as leis e fazer cumpri-las, dotar a educação de recursos materiais e financeiros e alterar a dramática situação salarial dos profissionais que atuam nas escolas. Talvez aqui esteja um dos gargalos do problema, que se reflete em todas as áreas da educação.

Considero inadmissível que em pleno século 21, a cidade que foi considerada modelo de gestão política tenha apenas sete bibliotecários atuando em suas 95 bibliotecas escolares, justamente num estado em que existem 02 cursos de graduação em biblioteconomia formando em média 60 profissionais por ano, além dos cursos técnicos.

Como esperar que nas bibliotecas das escolas do município existam projetos de educação ambiental com o objetivo de provocar os estudantes a refletirem sobre as formas em que cada cidadão pode participar da construção de uma vida sustentável, se em tais espaços estão trabalhando pessoas que para lá foram alocadas por não poderem mais ficar em sala de aula? Por que não podem mais ficar em sala de aula? Estão com problemas de saúde ou não têm mais paciência para lidar com os estudantes? De qualquer maneira devem ser situações delicadas e tais profissionais deveriam ser tratados adequadamente e não transferidos para bibliotecas.

A pesquisa foi realizada com o objetivo de identificar as concepções que bibliotecários e educadores das bibliotecas das escolas do município de Porto Alegre têm a respeito do papel da biblioteca escolar na educação ambiental dos seus usuários. A análise das informações revelou uma realidade preocupante que reforça a necessidade de mais investimento nas bibliotecas do município, especialmente no que se refere à presença de bibliotecários com formação, que supostamente estariam trabalhando na área de sua escolha. Seriam, supostamente, pessoas mais satisfeitas com sua situação profissional e mais adequadas para desenvolver projetos de educação ambiental, que envolvem aspectos existenciais da pessoa, pois buscam o equilíbrio, a saúde tanto do indivíduo (planta, animal, pessoa) como dos ecossistemas.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. E. A. A biblioteca faz a diferença. In: CAMPELLO, B. S. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BIANCONI, M. L.; CARUSO, F. Educação não-formal. **Revista Ciência e Cultura**, v. 57, n. 4, São Paulo, out./dez. 2005. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a13v57n4.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2010.

BONOTTO, M. E. K. K. Reflexões sobre a Biblioteca Escolar. In.: SIQUEIRA, Neiva Alves de; GONÇALVES, Adriana; MEDEIROS, Simone Cristina da S. (Org.). **Saberes Específicos**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, Secretaria da Educação, 2007. Cap. 11, p. 161-176.

BRASIL, Lei n.º 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Presidência da República, Casa Civil**. Brasília, DF, 27 abr. 1999. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L9795.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

BRASIL. Governo Federal, Ministério da Educação, MEC. **Cadernos SECAD 1, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. Educação Ambiental: aprendizes de sustentabilidade. Brasília, DF, mar. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao2.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

CAMPELLO, B. S. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2005.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2006.

CARVALHO, I. C. M.; SATO, M. **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CIPOLAT, S.; MARTINS, M.S. O bibliotecário como agente socializador na disseminação da informação sobre o Meio Ambiente: relato de experiência. **BIBLOS, Revista do departamento de Biblioteconomia e História**, v.18, FURG: Rio Grande, 2006. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/article/view/91/42>>. Acesso em: 05 maio 2010.

FONSECA, E. **A biblioteca escolar e a crise da educação**. São Paulo: Pioneira, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOHN, M. da G. Educação não-formal na pedagogia social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, **Anais...** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 16 maio 2010

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias quantitativas na sociologia.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HIGUCHI, M. I. G.; AZEVEDO, G.C. Educação como processo na construção da cidadania ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília: DF; Rede Brasileira de Educação Ambiental, 2004, v. zero, p. 63- 70 disponível em: [http://www.ufmt.br/remtea/revbea/pub/revbea\\_n\\_zero.pdf](http://www.ufmt.br/remtea/revbea/pub/revbea_n_zero.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2010.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTINOS. **Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar, 1999.** Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em 10 abril de 2010.

JACOBI, P. Educação e meio ambiente- transformando as práticas. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília: DF; Rede Brasileira de Educação Ambiental, 2004, v. zero, p. 28- 35 disponível em: [http://www.ufmt.br/remtea/revbea/pub/revbea\\_n\\_zero.pdf](http://www.ufmt.br/remtea/revbea/pub/revbea_n_zero.pdf)>. Acesso em: 21 abril 2010.

\_\_\_\_\_. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189-205, março, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educ. Pesquisa**, 2005, v. 31, n.2, p. 233-250. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a07v31n2.pdf>. Acesso em: 20 mar de 2010.

KUHLTHAU, C. C. **Como usar a biblioteca na escola:** um programa de atividades para o ensino fundamental. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LEFF, H. **O Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORIN: E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2006.

PORTO ALEGRE. Secretaria do Meio Ambiente de Porto Alegre. **Site institucional**. Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p\\_secao=97](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?p_secao=97)>. Acesso: 04 maio 2010.

PORTO ALEGRE, Secretaria do Meio Ambiente. **Comitê Gestor de Educação Ambiental-CGEA**. Porto Alegre, 2010. Disponível em:<  
[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cgea/default.php?p\\_secao=17](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cgea/default.php?p_secao=17)>. Acesso em: 15 abr. 2010.

RODRIGUES, G. S. de S.; COLESANTI, M. T. de M. Educação ambiental e as novas tecnologias de informação e comunicação. **Revista Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 1, jun. 2008. Disponível em:<  
<http://www.sociedadennatureza.ig.ufu.br/viewissue.php?id=12>>. Acesso em: 02 maio 2010.

SATO, M. **Educação ambiental**. São Carlos; Rima, 2002.

SILVA, M. do A. S. Biblioteca escolar: uma reflexão sobre a literatura. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR, 3, 2004, Belo Horizonte, **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte, UFMG, 2004. Disponível em: <  
<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/324.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

SOBRAL, E. B. Recursos humanos para a biblioteca escolar. In.: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1982, Brasília. **Anais...** Brasília: INL/UNB, 1982. p. 88-108.

**APÊNDICE A****QUESTIONÁRIO**

( ) BIBLIOTECÁRIO Idade: \_\_\_\_\_  
( ) lotado em escola ( ) presta assessoria

( ) PROFESSOR ( ) trabalha na biblioteca da escola  
Se professor, responda qual a área de formação \_\_\_\_\_

**1)** O que você entende por sustentabilidade e educação ambiental?

**2)** Como você vê a educação ambiental na sociedade em geral? E as atividades de preservação relacionadas ao meio ambiente, acha que ocorrem?

**3)** Em sua opinião, qual a instituição responsável pela preservação do meio ambiente em Porto Alegre:

( ) Fundação Estadual de Proteção Ambiental - FEPAM

( ) Secretaria Municipal do Meio Ambiente - SMAM

( ) Prefeitura

( ) Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - IBAMA

( ) Não sei

( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**4)** Você acredita que a escola deva incluir nas disciplinas escolares e, em seu cotidiano (projetos pedagógicos), práticas de saberes relativas ao meio ambiente, sustentabilidade e educação ambiental?

- 5) Você vê a biblioteca como um espaço de educação? Se sim, ( ) formal ou ( ) informal?
- 6) Em sua opinião, a biblioteca da escola é responsável e/ou deve assumir ações relacionadas a uma maior responsabilidade social relativa ao meio ambiente, perante a comunidade escolar sendo caracterizada assim como local de EA?
- 7) Na sua concepção qual o papel que as Bibliotecas das Escolas do município de Porto Alegre devem cumprir em relação à Educação Ambiental? E o papel do bibliotecário e/ou do professor que atua nessas bibliotecas?
- 8) Existem estratégias de educação ambiental na ou nas bibliotecas aonde você atua? Se sim, você pode dizer algumas?

Aqui você pode se achar necessário, colocar considerações acerca dos problemas e/ou soluções que acredita estarem envolvidos na realidade educacional brasileira, inclusive os relacionados ao meio ambiente.

Muito obrigada